



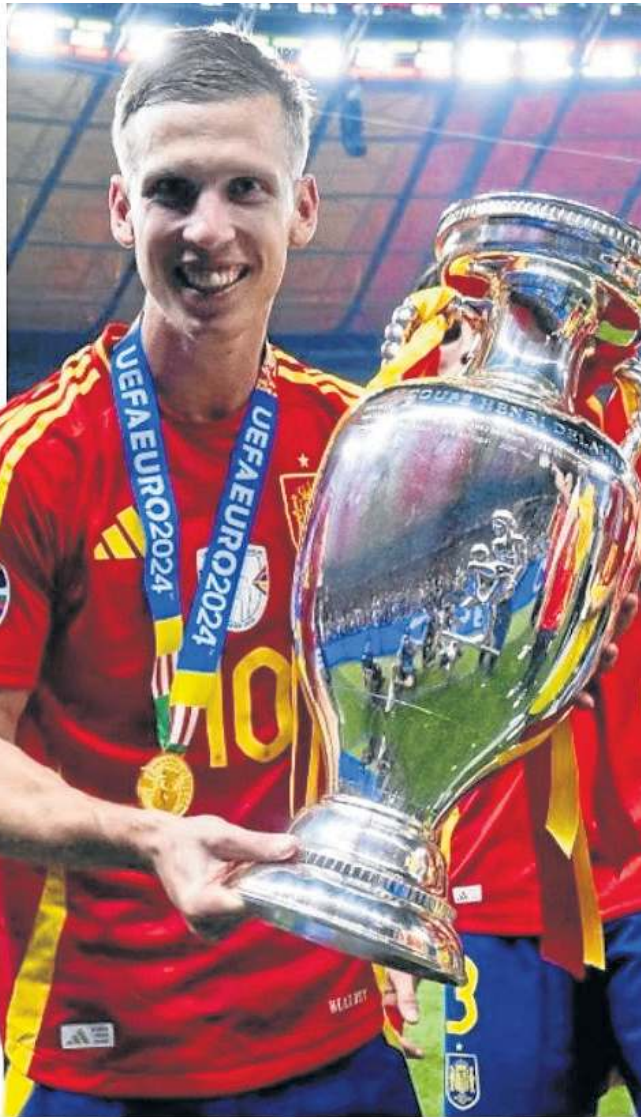
ESPAÑHA



Campeão da Copa do Mundo feminina de 2023 e da masculina de 2026, país europeu unifica títulos e transforma metodologia, formação e identidade em uma era hegemônica no futebol

Império espanhol

Brida Mendes/AFP e Divulgação/BEEF



Pouco a pouco, dinastia se espalhou pelos principais torneios de futebol. Equipe de Athenea Del Castillo levou a taça em 2023. Em 2024, time com Dani Olmo faturou a Euro. Neste ano, Rodri guiou conquista da copa masculina

MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — O gol de Ferran Torres na final contra a Argentina no último domingo não valeu apenas uma estrela a mais no escudo da Espanha. O lance decisivo da prorrogação no MetLife Stadium fechou um círculo iniciado três anos antes, do outro lado do mundo, em Sydney. Quando Olga Carmona levantou a taça da Copa do Mundo Feminina em 2023, abriu caminho para uma hegemonia. Com a conquista masculina em 2026, a Espanha passou a reunir as duas coroas mundiais da Fifa e transformou uma sequência de títulos em um símbolo maior: a vitória de um modelo de futebol.

A Fúria não chegou ao topo por acaso. Não dependeu de uma geração acima da média, de um craque salvador ou de uma campanha iluminada. A Espanha construiu uma engrenagem capaz de produzir campeões em diferentes categorias, com homens e mulheres compartilhando princípios, metodologia e a mesma compreensão do jogo.

O mundo costuma associar a Espanha ao toque de bola, à posse paciente e ao domínio técnico. Mas a verdadeira revolução espanhola começou antes da estética. Nasceu da decisão de investir em formação, organizar processos e aproximar as seleções nacionais de uma filosofia comum. O título mundial de 2026 celebrado, ontem, nas ruas é o capítulo mais recente de uma transformação iniciada há mais de duas décadas.

Durante boa parte do século 20, a Espanha amargou uma contradição: tinha grandes jogadores, clubes competitivos e uma liga poderosa, mas falhava nos grandes palcos internacionais. A “maldição das quartas de final” acompanhou a seleção por gerações. A mudança começou a partir de uma revisão estrutural.

A Real Federação Espanhola de Futebol passou a olhar para a

base como o ponto de partida de uma identidade nacional. O objetivo deixou de ser apenas revelar talentos. Era formar atletas capazes de interpretar o futebol da mesma maneira, dos primeiros passos até a seleção principal. Desenvolver uma linguagem comum.

Meninos e meninas treinando conceitos semelhantes. Técnicos preparados dentro de uma mesma escola. Categorias inferiores funcionando como extensão das equipes profissionais. A Espanha entendeu antes de muitos concorrentes a relevância de semear a formação, colher e lapidar talentos do futebol.

Conceito

O mundo percebeu essa transformação na Eurocopa de 2008. A seleção comandada por Luis Aragones iniciou uma era responsável por mudar o futebol. Vieram o título mundial de 2010 e o bicampeonato europeu em 2012. A geração de Xavi Hernández, Andrés Iniesta, Sergio Busquets, David Villa e Iker Casillas colocou a Espanha no centro do planeta.

O legado mais importante daquela equipe não foi apenas levantar troféus. A Espanha provou que uma ideia poderia vencer. A posse de bola deixou de ser uma característica estética e virou ferramenta competitiva. A técnica passou a ser acompanhada por inteligência tática. O jogador espanhol passou a ser reconhecido como pensador do jogo.

Quando aquela geração envelheceu, o modelo permaneceu. Pedri, Gavi, Nico Williams, Pau Cubarsí e Lamine Yamal representam uma nova fase da mesma escola. A Espanha mudou os protagonistas sem abandonar a identidade e até aprimorá-la.

Mulheres

Enquanto o futebol masculino entrava nos trilhos, outro movimento transformava o país. O feminino espanhol cresceu em ritmo acelerado. A profissionalização da Liga F, o aumento dos investimentos e a estrutura dos clubes criaram um

Thomas Coex/AFP



Dinastia

OS TÍTULOS DA ESPANHA NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

- » Copa do Mundo feminina Sub-17 2022
- » Copa do Mundo feminina Sub-20 2022
- » Copa do Mundo feminina 2023
- » Nations League masculina 2022/2023
- » Eurocopa masculina 2024
- » Ouro olímpico masculino em Paris-2024
- » Copa do Mundo masculina 2026

ambiente competitivo que permitiu o surgimento de uma geração fantástica. O Barcelona tornou-se símbolo dessa evolução.

A equipe catalã passou a dominar a Europa e revelou jogadoras capazes de mudar o patamar da

“O mérito é trabalhar como equipe. Há grandes seleções, nós demonstramos que somos um grande time e uma grande família. Estamos onde queremos, somos privilegiados de representar o que representamos com talento, valores e princípios”

Luis de la Fuente, técnico da Espanha masculina

modalidade. Alexia Putellas, Aitana Bonmatí, Patri Guijarro e companhia levaram para a seleção feminina uma filosofia parecida com a do masculino.

O título da Copa do Mundo Feminina de 2023, conquistado contra a Inglaterra em Sydney, não foi um acidente. Era consequência. A Espanha deixou de ser uma promessa para se transformar em referência.

Combo

A Espanha alcançou uma dimensão própria. Venceu as duas últimas Copas do Mundo realizadas pela Fifa: a feminina, em 2023; e a masculina, em 2026. O feito revela uma característica singular: o país não se meou apenas uma seleção vencedora. Construiu um ecossistema. A base alimenta os clubes. Os clubes alimentam as seleções. As seleções

Milhões de obrigado

Os jogadores da Espanha, recém-coroados campeões mundiais, desfilaram, ontem, pelas ruas de Madri, lotadas com dois milhões de torcedores. “Eles merecem que estejamos aqui apoiando-os e que retribuamos um pouco do carinho que demonstram durante as partidas”, disse Pablo Perello, um bancário de 33 anos que foi ver os atletas de perto. Mesmo com o vice, a Argentina também ganhou festa em Buenos Aires. “Esta seleção nos uniu a todos, e temos de ser gratos por isso. Estaremos sempre ao lado deles”, destacou Leonardo Barrientos, um operário do setor têxtil, de 36 anos.

representa a conquista e outra, mais difícil de alcançar, simbolizando uma forma de pensar futebol. No MetLife Stadium, Ferran Torres escreveu uma página, mas a histórica pertence a uma escola. A Espanha não conquistou o mundo apenas porque encontrou grandes jogadores. Impera porque criou um lugar no qual grandes jogadores continuam surgindo. Uma hegemonia.

“O mérito é trabalhar como equipe. Há grandes seleções, nós demonstramos que somos um grande time e uma grande família”, comemorou o técnico Luis de la Fuente depois da partida. Se constrói tudo muito melhor a partir da vitória, mas há algo muito sólido na Espanha, uma geração de jovens com muita categoria que ganhou tudo em todas as categorias. Há um futuro extraordinário para a seleção, um futuro para muitos anos.

Enquanto a Espanha feminina vem ao Brasil buscar o bi, a masculina tentará o tri em casa. O país é uma das sedes da edição centenária em 2030. Pode receber a decisão no Estádio Santiago Bernabéu, em Madri. “Estamos onde queremos, somos privilegiados de representar o que representamos. O verdadeiro sucesso é ter buscado bons companheiros de viagem, com talento, mas valores e princípios. É o nosso mérito. Não é tão difícil buscar gente generosa, que coloca o bem coletivo na frente”, celebrou Luis de la Fuente.

Número 1 do mundo, Aitana Bonmatí resume o sucesso do futebol espanhol. “As categorias de base têm potencial enorme. Vínhamos demonstrando isso por anos, tanto em Copas do Mundo quanto em âmbito continental. A única coisa que faltava era conquistar algo grande no nível máximo. E finalmente fizemos isso. É um “antes” e “depois”. Antes se dizia que faltava esse grau de profissionalismo na Espanha, mas conseguimos mudar isso, então acredito que agora somos referência mundial, jogadoras de alto nível, com uma qualidade única, mas ao mesmo tempo sabemos competir contra qualquer adversário”, celebra.